

## **DANIEL BLAUFUKS. *Lisboa Clichê***

Lisboa: Tinta-da-China, 2021, 400 pp.

**ANTÓNIO CARLOS CORTEZ\***

letracortez@hotmail.com  
legiaourbanapoesia@gmail.com

Por detrás do título eventualmente jocoso, ou pitoresco, ou mesmo paródico, temos um livro precioso, espécie de filme sobre Lisboa, mas não só sobre Lisboa. Cartier-Bresson pode bem ser aqui tomado como exemplo, pela notória inspiração arquivística deste volume, mas Daniel Blaufuks não nos oferece, antes pelo contrário, qualquer modelo prévio a que possamos fazer vincular este seu livro onde fotografias se transformam em tempo e os tempos fotografados em verdadeiros lugares. É nesses rolos vindos duma época de ouro que vamos reencontrar certa Lisboa, cidade-tempo que se grava, na memória do autor, como sua (e nossa) tatuagem. Daí a reverberação dum poema de Kafavis, verdadeiro *leitmotiv*: é o poema “A Cidade”, onde lemos estes versos: “Novo lugar não vais achar, nem achar novos mares. / A cidade vai-te seguir. Ruas vais percorrer, / serão as mesmas, e nos mesmos bairros hás-de viver”.

Livro, de facto, sobre Lisboa, mas sobretudo sobre uma determinada geração – a dos anos 80, a que se educou e cresceu na passagem da segunda metade dos anos 70 para a década seguinte; a geração que teve vinte anos no início de 1980, a geração que, existindo no período que medeia entre 1982 e 2002, ou 2018, tem hoje, sensivelmente, sessenta anos. Com a marca da melancolia que, não raro, os

trabalhos de Blaufuks contêm, esta colectânea de fotografias ilustra e legenda as expectativas e sonhos, as frustrações e decepções de uma geração que não fez o 25 de Abril, mas viveu a libertação do fascismo talvez como nenhuma outra; não viveu a Guerra Colonial, mas outras guerras (a Sida, as drogas, a violência urbana da Lisboa de Kruz Abekassis, com os bairros de lata, do Casal Ventoso e da Meia-Laranja, ao Bairro Padre Cruz, de Benfica aos casebres do Bairro da Boavista, lugar infecto e em todo o caso mágico, que incluía a Margem Sul da degradação industrial pós-anos 70). Geração que viveu o PREC e sentiu o 25 de Novembro, contemporânea da AD, mas, fundamentalmente, geração que cresceu com a sombra negra do cavaquismo e testemunhou a acelerada e quase sempre provinciana vontade de europeizar Portugal, descaracterizando-o. Livro de fotografias e textos sobre uma geração com diversos rostos que a emblematizam e que Daniel Blaufuks quis gravar com a sua lente para memória futura.

*Lisboa Clichê* dá-se-nos como objecto estranho, desafiante, até certo ponto anacrónico, na medida em que, se se abarcam cerca de três décadas de trabalho de alguém chamado Daniel Blaufuks, nascido em 1963, nessa cidade, e que, em muitas páginas se vê como alguém que já

---

\* Bolseiro de doutoramento FCT e investigador do CEHUM, Universidade do Minho. ORCID: 0000-0001-9460-3088

não é Daniel Blaufuks. Este álbum de fotografias só ganha, portanto, em ser relido como álbum pessoal, acervo de imagens em movimento que ora se escapam e diluem por entre o nevoeiro de uma urbe antiga, ora param dando-se a ver no esplendor terrível e belo duma Lisboa a querer ser uma Nova Iorque impossível. Livro, pois, de um sujeito que, na realidade dum passado, reactualiza o rosto do fotógrafo, reconciliando-se consigo próprio e com um lugar, metonímia dum país em constante mutação, sobretudo nesse período que vai de 1980 a 2018-19, antes da pandemia que, decisivamente, fecha um ciclo histórico e prepara o próximo, regido pela digitalização de tudo, destruindo, talvez, o que restou de hábitos, ideias e valores que definiam uma certa forma de se viver e ser.

Na movência plástica de que estas fotografias se fazem, Blaufuks reposiciona as pedras dum complexo xadrez pessoal e histórico, reequacionando os modos como um arquivo de fotografias pode ser interpretado. Não é este um livro simplesmente confessional, ou memorialístico, intimista ou mesmo autobiográfico. O seu registo escapa ao tom memorialístico, na medida em que não se trata de fazer só o elenco de personagens com quem o eu se cruzou, aproveitando para se chegar a um balanço da história colectiva e da própria história do autor empírico que escreve e fotografa em clave elogiosa. Também não pode ser lido como autobiografia, porquanto não haja aqui a auto-representação celebratória dum eu que esconde o que poderia manchar o seu retrato. Nem tão-pouco é um volume de páginas intimistas em que Blaufuks escrevesse cartas para alguém familiar e com quem partilhasse das mesmas coordenadas sentimentais, emotivas, em jeito de amigo íntimo. No limite, este *Lisboa Clichê* é tudo isso e nada disso. Em rigor, uma colectânea de fotografias que, à semelhança do gesto fotográfico, regista numa escrita permeável à memória as imagens das

imagens. Só sob essa óptica, este livro é um relato memorialístico, escrito na primeira pessoa e admitindo, como é clássico na retórica dos escritos intimistas, que aquele que agora escreve é um outro – um eu com um rosto precário, também ele aberto à ficcionalização e, por isso, um biografado entre aspas.

Esse processo ficcional, que deriva do tratamento das fotografias, com sua *patine* antiga, a sua carga *retro*, está ancorado também na escolha criteriosa de poemas de diversos nomes maiores da poesia portuguesa contemporânea, para além de poemas de autores estrangeiros. São os poemas os marcos geodésios do percurso da recordação. De certo modo, um livro que é também uma antológica recolha de afinidades electivas: De Agostinho da Silva (quadras populares), Jorge de Sena (“Lisboa, 1971”), Ruy Cinatti (À memória de António Nobre e de Cesário Verde”), Sophia de Mello Breyner (“Lisboa”, com o *incipit* “Digo/ ‘Lisboa’”), a Alexandre O’Neill (“Daqui desta Lisboa compassiva” e mais dois sonetos sobre a sua cidade); da letra da canção dos Rádio Macau, de 1984, “Bom Dia Lisboa” e poemas de Tomas Tranströmer; sem esquecer a poesia de Al Berto (“Lisboa”, com o verso inicial “Por trás dos muros da cidade”), aos versos de Adília Lopes (“Cidade branca/ semeada/ de pedras”); da música de Sérgio Godinho (“A Lisboa que amanhece”), do soneto de Fernando Assis Pacheco (“As putas da avenida”), ao elegíaco Mário Cesariny (“You are welcome to Elsinore” e “Pastelaria”), ao melancólico poema de Ruy Belo (“Esplendor na Relva”). E não falta Pessoa e as páginas do *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares e alguns trechos de poemas de Álvaro de Campos que mostram essa “Veneza de Tédios” que Lisboa encarna.

Deste modo, as fotografias vivificam uma época que, entre *spleen* e paixão, fúria e surpresa, não é já a nossa. De resto, o nosso tempo merece de Blaufuks acérrimas críticas, já pela formatação a

que assistimos, já pela perda de certa aura que a cidade teve até meados dos anos dois mil. Kafavis ecoa, em jeito de balanço existencial e retrospectão: “Os anos da minha juventude, a minha vida de prazer - / que claramente vejo agora o seu sentido. // Que inúteis remorsos, que estéreis // Mas não via o sentido nessa altura”, poema situado mais ou menos a meio do livro, e que faculta à fotografia do jovem Blaufuks a irradiação mítica de todo o passado. O auto-retrato é aqui um outro ponto luminoso, por excelência, do livro, porque o rosto e o olhar de Blaufuks, descaindo um pouco e sem nos fixar directamente, os braços cruzados e a gabardina com pullover preto por baixo, indiciam a meditação, a atitude *poseur* que intensifica a verdade íntima: o fotógrafo consciente da passagem do tempo.

Sabêmo-lo bem: ao contrário da pintura, que dispõe, a fotografia compõe e no seu compôr, toda a fotografia trabalha com intensidades, organiza-se em função de dois pólos, ausência e presença, isolando a cada *flash* aquilo que se mostra para evocar e convocar. Blaufuks, para além de fotografar de forma exímia, sensível e atenta aos cambiantes dum passado refractado, escreve num estilo simples, acessível, feito de subtis ironias e inteligentes digressões. Um outro dado anacrónico, de enorme valor, passa pelo modo como, ao viajar pelo passado, Lisboa se faz, aos nossos olhos de agora, espaço-tempo ficcional, ou ficcionado. É praticamente impossível, a quem tenha nascido, vivido e crescido nesta cidade não reconhecer que há um antes e um depois da década de 80; década que na cultura portuguesa irradia a alquimia própria dum tempo pós-revolucionário, aberto às novidades do Ocidente, mas ainda com um pé no passado e tradição lisboetas. 1982 e a fundação do Frágil por Manuel Reis; 1988 e o incêndio do Chiado; 1998 e a edificação de uma Lisboa Oriental, eis datas simbólicas que configuram essa passagem do antigo para o novo. Daniel Blaufuks, por estas e outras razões, não

podia ter escolhido para título senão este mesmo: Lisboa, cidade vista, pela retentiva de uma máquina inquiridora, como clichê, lugar-memória que muitos se habituaram a tratar como espaço-tempo.

A palavra escrita é, em si mesma, a fotografia da fotografia. A escrita é, aqui, barthesianamente, indício, vestígio e sinal (“Um táxi em Lisboa no final dos anos 80. Quando eu era miúdo, raramente andava de táxi, mas nesta altura fartava-me de o fazer [...]. Os táxis de Lisboa eram relativamente baratos, além de imundos [...] os motoristas sabiam onde ficavam as ruas. Aqui era verão, o tejadilho estava aberto, e encontrávamo-nos parados algures no irremediável trânsito lisboeta.”). Com os verbos no pretérito, a recordação da infância, a transcorrência dos tempos tudo concorre para vermos as fotografias como se as ouvíssemos. A hipotipose comprova a tese de John Berger a respeito da operacionalização da fotografia: “decidi que ver isto é algo que merece ser registado” (in Alan Trachtenberg, *Ensaio sobre Fotografia*, Orfeu Negro, 2013, p. 317). O mesmo pode dizer Blaufuks.

Registo do passado em palavras de presente, mostra-se, pela intensidade das luzes, das sombras, do efeito de claro-escuro das fotografias, uma Lisboa feita de tabacarias onde se vendiam revistas, lotarias, rebuçados; uma “Lisboa à balda”, para lembrar uma expressão de Cardoso Pires. Cidade por onde se passeavam senhores de “colarinho branco” numa rua do Bairro Alto, com a costumeira pasta que lhes conferia posição social; uma Lisboa caixas fruta na rua, e, numa “parede desmaiada” (a expressão é do autor-fotógrafo), os *grafitti* da época, vituperando o custo de vida.

*Lisboa Clichê* atinge certa intensidade emotiva em páginas onde, para além de fotografias de anónimos, ressurgem, vindos do passado, rostos que o fotógrafo conheceu. É o que acontece quando o olhar do autor resgata para o nosso tempo alguém desaparecido: “A bela e incrível

Olga, que viveu comigo uns tempos e que levou drogas lá para casa, até que as drogas a levaram a ela.”. De manifesto interesse sociológico, seguimos a deambulação dos signos e vamos até aos lugares sagrados da juventude de Daniel. O Bairro Alto é o mítico lugar infecto: prostitutas, chulos, marinheiros, traficantes, jornalistas, merceeiros, empregados da Câmara, tudo aí tinha encontro marcado de dia ou de noite. Aí existiam o *Diário Popular*, o *Diário de Lisboa* e *O Século*, ou seja, uma cultura do papel – jornais que deram nomes a ruas: a Rua de “O Século”, desde logo. Elogio a uma cultura do papel que o fotógrafo, com vasta experiência de foto-jornalismo, conhece e o fez atravessar a urbe ao longo dos anos captando-lhe as zonas mais sombrias. Porque Lisboa era “um deserto” no Verão e “podia mesmo ser letal” (as taxas de suicídio aumentavam sempre nessa estação do ano), não fossem as piscinas municipais que, em diversos bairros, davam aos lisboetas que não podiam ir para o Algarve a ilusão de estarem numa Riviera ao menos urbana. Zonas sombrias porque, da Fábrica de Chocolates na Rua da Junqueira aos Armazéns do Chiado, do Cinema Roxy ao cinema Pátria, em Xabregas, das lojas de alfaiates onde se faziam fatos à medida, à estação de serviços da Citroen na Avenida Defensores de Chaves (onde hoje é um Continente), ao Cineteatro Éden, passando pelo edifício da Caixa Geral de Depósitos (hoje um hotel), acompanhamos Blaufuks na sua Lisboa fantasmagórica e compassiva, feita da mesma “soturnidade e melancolia” dum Cesário Verde.

Um momento há de surpreendente alcance hermenêutico: a recordação de uma frase “O dia em que a música morreu” e que o fotógrafo considera ter sido enigma e fascínio na sua vida: “O chafariz de 1762, na Rua do Século, ainda com cabine telefónica em frente [...] passei horas na que ficava em frente à Escola de Belas-Artes, à espera de um telefonema de Berlim. [...] Um pouco mais acima, na

mesma rua [...] Não sei exactamente a que dia se referia ou quem escreveu a frase”, mas ao ver essa letra inusual numa parede da cidade, pressentimos que essa frase poderia encimar o espírito deste trabalho de Blaufuks.

Feito de um subtil sistema de vasos comunicantes entre estas fotografias e os textos, presentifica-se o ausente, através duma Nikon FE, mergulhando-se no presente histórico que torna mais incisiva a dor da lembrança tempos felizes: “Nas noites do Bairro Alto sentíamos ainda o sal na pele, por vezes o escaldão, e tínhamos absoluta certeza de que nunca iríamos morrer. A morte era algo que só acontecia aos outros e os outros não éramos nós”.

Alice Geirinhas, Paula Moura Pinheiro preparada para assaltar uma dependência do Banco Pinto & Sotto Mayor, o Licas, baterista dos Pop Dell’Art, que deu a conhecer Echo and The Bunnymen ao Blaufuks da juventude e que caiu (ou se atirou) dum 5º andar de um prédio na Av. Álvares Cabral, em morte para sempre inexplicada; o rosto de Ana Padrão diluindo-se à chuva, num vidro; mas também a primeira vez que Blaufuks sente poder reconciliar-se com Lisboa pela voz de Xana, dos Rádio Macau; a fotografia duma noite no Frágil e, entre sorrisos e energia vital, os rostos de Manuel Graça Dias, de Adolfo Luxúria Canibal, tudo origina um discurso que exige o *hic et nunc*, o regresso urgente dessa bela juventude. O fotógrafo abraça, num estilo em directo, esse passado insepulto: “Pronto, conseguimos entrar pelo meio da confusão, atravessar o pesado cortinado de veludo vermelho e fomos logo empurrados para a direita, [...] O Nanau é o DJ? É o quê? É o disc-jockey, que está lá em cima. Ah! Aquele é o Tomás Colaço? E o Luís O’Neill com o João ali ao pé da coluna?” e vemos o Sr. Carlos e o Álvaro, o Miguelinho Ribeiro Soares e o Luís Matos, futuro documentarista, e o Carlos Wallenstein e o Hernâni Miguel que, com Pedro Lata, abriu nessa década o Lábios de

Vinho, restaurante que, com o Casanostra, ainda hoje é lembrado...

“Sair do Bairro e caminhar por Lisboa”, escreve Blaufuks... Rever os rostos mais jovens de Maria de Madeiros, de António Pedro Ferreira, de Henrique Cayatte, de Fernando Relvas e de Jorge Colombo, de Vera Castro e de Marta Wengorovius; rostos que com o do fotógrafo atestam o inexorável fluir dos dias, reentrar no British Bar, onde Blaufuks fotografou Bruno Ganz (1941-2019), nas asas de um desejo de vida que o olhar deixa entrever e a que uma frase de Cardoso Pires, frequentador assíduo, dá o contorno exacto (“Tem um sabor a cais sem água à vista, este lugar.”), este *Lisboa Clichê* é uma inesquecível experiência de leitura porque através das imagens, filmes, referências cultas e populares, Lisboa ressurgue sob o signo de Saturno. Sob o seu signo ficamos – transporte no tempo.

(O autor segue a antiga ortografia.)

DOI: 10.21814/2i.3749